

## **PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR: A REALIDADE DA AIDS PARA JOVENS DOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO**

### **EDUCATIONAL PRACTICES IN THE SCHOOL CONTEXT: THE REALITY OF AIDS FOR FUNDAMENTAL AND HIGH SCHOOL TEACHERS**

Júlia Gomes Zuba<sup>1</sup>

Maria da Luz Alves Ferreira<sup>2</sup>

Janete Aparecida Gomes Zuba<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

Considera-se a sexualidade como pertencente à vida e à saúde do ser humano que se expressa desde cedo. Nesse sentido, compreender o comportamento de um jovem, no contexto gênero e sexualidade faz-se necessário. Ao trabalhar com essa população, tornou-se de suma importância para a escola desempenhar a sua função e o seu lugar para a realização do seu papel essencial na educação para uma sexualidade ligada à vida integrando as dimensões do ser humano. Desse modo, teve-se a oportunidade de realizar práticas educativas por meio de uma série de atividades tais como palestras, minicursos, exposição de *stand*, em algumas escolas de Educação Básica sobre a realidade do HIV/AIDS para jovens dos ensinos Fundamental e Médio. Consequentemente, essa ação possibilitou que estudantes conscientizassem da importância da prevenção e/ou tratamento da doença supracitada. Logo, obtiveram-se resultados satisfatórios, uma vez que, havia participação na dinâmica de trabalho e interesse dos alunos pelo assunto que era visto como tabu.

**Palavras-chave:** Escolas de Educação Básica. Jovens. Práticas Educativas.

#### **ABSTRACT**

Sexuality is considered to belong to the life and health of the human being that manifests itself from an early age. Understanding youth behavior in the context of gender and sexuality and working with this population is of paramount importance and the school, plays a fundamental role in education for a sexuality linked to life that integrates the different dimensions of the human being. We had the opportunity to carry out educational practices through a series of activities (lectures, short courses, stand exhibition) in some primary schools about the reality of AIDS for young people in elementary and high school. Our aim was to enable students to become aware of the importance of preventing and/or treatment of the aforementioned disease. We obtained satisfactory results, since there was participation in the work dynamics and interest of the students in the subject that is often still seen as a taboo.

**Keywords:** Basic Education. Young People. Educational Practices.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Ciências Sociais da Unimontes.

*E-mail:* juliazuba@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora Dra. do Departamento de Ciências Sociais e Políticas da Unimontes.

*E-mail:* mariadaluz@oi.com.br

<sup>3</sup> Professora Dra. do Departamento de Estágios e Práticas Escolares da Unimontes. *E-mail:* janetezuba@yahoo.com.br



## INTRODUÇÃO

O Brasil é um país com inúmeras diversidades no contexto social, econômico e cultural de seus habitantes. Assim, o sistema educacional está, diretamente, ligado a esses aspectos e a escola em consonância com as demandas da sociedade. Então, a escola, além de ter sua função pedagógica, tem também uma função social e política frente à transformação da sociedade, no cumprimento do exercício da cidadania, bem como o acesso a oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem intelectual do sujeito. Na verdade, crianças, jovens e adultos presentes nessas escolas apreendem hábitos e atitudes que dependendo da idade ou da abordagem, são sempre revistos.

No caso da educação para a saúde, a escola é uma importante aliada para a realização de ações voltadas para o fortalecimento das capacidades dos educandos, por conseguinte, para a tomada de decisões que possam ser favoráveis à sua saúde. Uma das temáticas que o currículo escolar deve contemplar é a de gênero e sexualidade por visar à construção de uma sociedade diversa e respeitosa.

Torna-se importante ressaltar que as discussões nessa temática sejam conduzidas a partir de uma ótica que contemplem as desigualdades de poder na questão do gênero e da sexualidade. É preciso cumprir o papel de orientar e possibilitar a conscientização pelos educandos do direito à saúde, para o exercício de práticas preventivas e reconhecer o Vírus da imunodeficiência Humana (HIV), como uma infecção sexualmente transmissível que trouxe à tona um desafio às políticas públicas de saúde e de educação em todo o mundo.

Assim, ao compreender o comportamento do jovem no contexto gênero e sexualidade, e, trabalhar com essa população, percebe-se que a escola desempenha um papel primordial, na educação, para uma sexualidade ligada à vida que integra as diversas dimensões do ser humano. Contudo, não é fácil chegar a um consenso do que é ser jovem, pois, são muitas opiniões sobre o que é essa fase da vida, desde ao estado de espírito, ao vigor, ou algum mecanismo relacionado à faixa etária. Cada sociedade nos seus mais diferentes contextos históricos e culturais define um período etário determinante de direitos e deveres para tal fase da vida.

Sobre essa questão, Corti e Souza (2005) apresentam definições sobre a juventude do ponto de vista etário entre algumas organizações. A Organização das Nações Unidas (ONU) define como jovens as pessoas entre 15 e 24 anos. A Organização Mundial da Saúde (OMS), instituição da ONU para a saúde, entende que a adolescência constitui um processo, fundamentalmente, biológico que vai dos 10 aos 19 anos de idade, abrangendo a pré-adolescência (10 a 14 anos) e a adolescência propriamente dita (15 a 19 anos).



Logo, considera-se a juventude uma categoria sociológica que implica a preparação dos indivíduos para o exercício da vida adulta, que compreende a faixa dos 15 aos 24 anos de idade. No *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), legislação federal de 1990 que estabelece direitos específicos para crianças e adolescentes; a adolescência foi definida como a fase que vai dos 12 aos 18 anos incompletos, sendo o período, imediatamente, posterior à infância. Enquanto, no ECA, a adolescência não se confunde com a juventude, mas a definição estabelecida pela ONU abarca uma parte dos adolescentes.

Chegar a um acordo sobre essa categoria, de fato, não é tarefa fácil, porque a juventude faz parte de uma fase da vida que não se reduz a seu recorte etário, ao passo que não há uma visão homogênea da juventude de acordo com alguns teóricos estudados. Para a OMS, é nessa faixa etária, que se concentra metade das infecções por HIV, em todo o mundo. Uma estratégia que se pretende ter alcance significativo para conscientização de adolescentes e jovens associa-se à escola, pois, em grande parte dela se encontra os jovens, portadores ou não do HIV. Esses precisam instruir-se para superar a falta de conhecimento sobre as formas de infecção e prevenção desse vírus que com a sua evolução torna-se Síndrome da Imunodeficiência adquirida (AIDS).

Neste texto, apresenta-se o relato de experiências com práticas educativas em algumas escolas de Educação Básica, nas cidades de Montes Claros e São Romão, no estado de Minas Gerais, sobre a realidade da AIDS para jovens dos ensinos Fundamental e Médio. Pensou-se, juntamente com os jovens algumas estratégias de trabalhos, entre elas, uma série de atividades, tais, como palestras sobre o tema, outras formas de diálogo com os educandos como minicursos, exposição de *stand*, acolhendo o protagonismo juvenil.

De tal modo, o intuito foi auxiliar na conscientização da importância da prevenção e/ou tratamento da infecção supracitada. Cabe ressaltar que houve a preocupação de não fazer abordagens do senso comum ou apresentar juízos de valores a respeito da infecção e das pessoas que convivem com o HIV. Obtiveram-se resultados satisfatórios, uma vez que, foi expressiva a participação da comunidade escolar nessa dinâmica de trabalho e interesse dos estudantes pelo assunto que muitas vezes, é visto como tabu.

### **Educação escolar: AIDS, prevenção e atitude**

A epidemia da AIDS aconteceu mundialmente, em 1981, pela primeira vez e foi vista como a doença dos homossexuais, e, estereotipada, visualmente, sendo o portador magro, vulnerável, no fim da vida, porém, com o decorrer dos anos, novos estudos sobre o



vírus foram feitos e formas de prevenção foram adotadas, e, o vírus da HIV ficou meio esquecido.

No rol das Infecções Sexualmente transmissíveis (IST's) destaca-se a AIDS. O primeiro caso, no Brasil, registrou-se, em 1980, no Estado de São Paulo, mas sua disseminação para outras regiões do país deu-se, no fim da década de 1980. No país, a epidemia da AIDS apareceu com um diferencial ao comparar com outros países, pois os primeiros casos concentraram-se em homens. De acordo Bastos (2001,p.7), julgou-se que:

O Brasil se depararia, exclusivamente, com uma epidemia nos moldes então ditos 'ocidentais', ou seja, basicamente restrita aos homossexuais masculinos, hemofílicos (exclusivamente homens), e demais pessoas que recebem sangue e hemoderivados e, em certa medida aos usuários de drogas injetáveis (majoritariamente homens).

Mediante ao exposto, o autor acima reiterou que com o passar do tempo a epidemia da AIDS, no Brasil, evidenciou em sua continua transformação, à medida que “o papel das desigualdades sociais e de gênero”, ao passar dos anos detectou-se “[...] um número crescente de mulheres entre os novos casos de AIDS”, (BASTOS, 2001, p. 7).

Nos últimos anos, o aumento da transmissão das IST's alarmou-se e o estereótipo criado no imaginário foi desconstruído. Dados do Ministério da Saúde apontam que jovens brasileiros não conhecem as problemáticas acerca das infecções sexualmente transmissíveis, assim, como a forma de infecção. Por essa razão, “um em cada cinco acredita ser possível contrair o HIV utilizando os mesmos talheres ou copos de outras pessoas e 15% pensam que enfermidades como malária, dengue, hanseníase ou tuberculose são tipos de IST” (BRASIL, 2012, s/p). No entanto, a juventude brasileira da atualidade mudou, substancialmente, o comportamento, iniciando a vida sexual, em geral, com vários parceiros. Mas, essa mudança comportamental, conseqüentemente, incidiu no aumento do número de casos de IST's, primordialmente, entre os jovens.

Dados do Boletim Epidemiológico HIV/AIDS, (BRASIL, 2016) apontam que desde o início da epidemia até junho de 2016 foram registrados, no país, 842.710 casos de AIDS e a distribuição dessa infecção proporcional desses casos estava associado a cada região. As regiões Sudeste e Sul lideram esses fenômenos porque há maior concentração de aglomerados de pessoas. As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, por sua vez, apresentam uma tendência linear de crescimento, significativo e preocupante, ao considerar o fenômeno de interiorização e pauperização da AIDS.

Em relação ao Estado de Minas Gerais, no período de 2010 a 2015, foram diagnosticados 18.602 casos de HIV/AIDS, que estavam distribuídos, em 730 municípios.



Desses casos, 40% foram diagnosticados em heterossexuais, 33% em homossexuais e 5% em bissexuais. Além disso, mais de 45% dos casos conhecidos estavam entre jovens de 20 a 34 anos. Em 2016, no período de janeiro a 28 de novembro, foram diagnosticadas 2.741 pessoas com a doença.

Com esses dados, pode-se notar uma predominância de diagnósticos na faixa etária dos mais jovens, o que permite discutir quais seriam as causas desses resultados nessas idades. Para Mombelli (2015), relaciona-se ao:

sentimento de invulnerabilidade, a intensa atividade sexual associada à variabilidade de parceiros, a vergonha de usar preservativos, ou não entendimento ou adaptação das informações recebidas e a ignorância do que a AIDS pode representar em suas vidas (MOMBELLI, 2015, s/p).

Esses resultados levam a crer que a discussão com os jovens fortaleça-se e amplie em atividades para além do ato de “usar camisinha como método contraceptivo”, afinal, o autocuidado, a responsabilidade pelo parceiro, o engajamento e a participação num ambiente dialógico, democrático serve-se como estratégias preventivas. Ademais, a criação de espaços de participação social pode funcionar como uma ferramenta na redução de vulnerabilidades juvenis.

Portanto, trata-se de um processo, no qual, a escola tem um papel fundamental a cumprir oferecendo suporte e referência aos alunos. Dentro dessa perspectiva, considera-se o ambiente escolar como parceria estratégica na prevenção do HIV e de outras IST's, porque tornou-se um espaço em que crianças, adolescentes e jovens se desenvolvem a partir de indagação, problematização e discussão. A oferta, por parte da escola, de um espaço em que os estudantes possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões contribui para uma aprendizagem significativa. Dessa forma, há a tarefa de como educadores, criar espaços de reflexão e discussão para que cada jovem estudante tenha condições de formar sua opinião sobre sexualidade para que possa fazer escolhas coerentes com seus posicionamentos.

### **Práticas Educativas, no Contexto Escolar**

A partir do olhar sociológico sobre a realidade das IST's, com ênfase na AIDS/HIV, organizou-se palestras com os estudantes dos anos finais dos Ensinos Fundamental e Médio, em escolas públicas, nas cidades de Montes Claros e São Romão, MG.



**Figura 1.** Palestra ministrada na Escola Estadual Afonso Arinos em São Romão, Minas Gerais, 2017.

**Fonte:** Pesquisa direta, 2017.

Abordou-se a temática por meio das práticas educativas a partir do Programa Unimontes Solidária e do projeto de pesquisa intitulado “O Processo de Feminilização da AIDS, na Cidade de Montes Claros/MG, pela Perspectiva das Relações Sociais de Gênero: uma proposta de intervenção e pesquisa”, assim, como no Núcleo de Atividades para Promoção da Cidadania (NAP) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Percebe-se que foram momentos propícios para quebra de estereótipos, desconstrução de preconceitos. Assim, teve-se a oportunidade de apresentar dados da realidade social de Minas Gerais, da cidade Montes Claras à medida que esclarecia algumas dúvidas dos participantes. Por essa razão, foi importante discutir que dados recentes mostraram que os casos de transmissão do vírus HIV aumentavam entre casais heterossexuais, principalmente, entre os jovens de 15 a 19 anos, fato que suscitou a questão que todos estavam suscetíveis em infeccionar pelo vírus HIV nas mais variadas idades. Reafirma-se que não há um grupo de risco e sim, comportamento de risco. Houve efetiva participação dos educandos e interesse pela temática.

**Figura 2.** Palestra ministrada no Núcleo de Atividades para Promoção da Cidadania (NAP), 2018.



**Fonte:** Pesquisa direta, 2018.

Os minicursos e exposição por meio de *stand* foram realizados em algumas escolas. Muitas das atividades foram oferecidas, juntamente, com outros acadêmicos de cursos variados da Unimontes por meio do Programa Biotemas do Departamento de Estágios e Práticas Escolares que fez a ponte entre a Universidade e Escolas de Educação Básica.

**Figura 3.** Minicurso ministrado na Escola Estadual Professor Hamilton Lopes, 2017.



**Fonte:** Pesquisa direta, 2017.



Utilizou-se recursos didáticos, tais, como: data *show*, documentários televisivos, cartilhas que tratavam da temática. Além disso, expôs-se preservativos masculinos e femininos para orientar sobre o seu modo de usar e os cuidados com o manuseio e conservação deles. Em todas as modalidades forma distribuídas cartilhas informativas acerca do tema proposto.

**Figura 4.** Stand apresentado nas escolas: E.E. Antônio Canela, E.E. Antônio Figueira e E.E. Hamilton Lopes, 2018.



Fonte: Pesquisa direta, 2018.

Um fato importante a destacar, no decorrer das atividades, foi o depoimento de alguns estudantes sobre a dificuldade no diálogo com a família, nesse momento percebeu-se a curiosidade em saber mais sobre o assunto e sua prevenção.

### Considerações finais

Objetivou-se com as propostas de minicurso, *stand* e palestra a quebra de estereótipos, desconstrução de preconceitos com as pessoas soropositivas, ao esclarecer às dúvidas e ao apresentar a realidade social de Minas Gerais, sobretudo de Montes Claros acerca das IST's, com ênfase na AIDS/HIV. Entende-se que foi papel da escola, contribuir para que a saúde seja compreendida como um direito de todos e dimensão essencial do desenvolvimento do ser humano. Assim, faz-se necessário propiciar aos estudantes a busca constante e momentos contínuos de novas reflexões no processo educativo, inovar no jeito de conduzir essas discussões buscando novas formas didáticas e metodológicas no processo

ensino-aprendizagem, ao partir do cerne concentrado no diálogo entre sujeitos sobre as desigualdades de poder na temática gênero e sexualidade.

Considera-se que foram obtidos resultados satisfatórios, uma vez que, houve interação dos educandos nas dinâmicas de trabalho e interesse pelo assunto que muitas vezes é visto como tabu pelo sujeito e seu círculo de convivência.

## Referências

BASTOS, Francisco Inácio. **A feminização da epidemia de AIDS no Brasil: determinantes estruturais e alternativas de enfrentamento**. Coleção ABIA - Saúde Sexual e Reprodutiva, Rio de Janeiro, v. 3, p. 1-27, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Álbum Seriado das IST** Material de apoio para profissionais de saúde MINISTÉRIO DA SAÚDE Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais Brasília-DF 2016. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/album-seriado-das-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-ist>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Boletim Epidemiológico HIV/AIDS, 2016**. Disponível em: [http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2016/59291/boletim\\_2016\\_1\\_pdf\\_16375.pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2016/59291/boletim_2016_1_pdf_16375.pdf). Acesso em 10 de outubro de 2018.

BRASIL, Governo do. **Jovens devem aumentar a prevenção contra DSTs**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/saude/2012/12/jovens-brasileiros-nao-tem-conhecimento-sobre-dsts-e-formas-de-infeccao-diz-estudo>. Acesso em 15 de outubro de 2018.

Corti, Ana Paula; SOUZA, Raquel. **Diálogos com o mundo juvenil**, São Paulo: Ação Educativa, 2005. p.11-12.

MOMBELLI, M.A; BARRETO, M.S; ARRUDA, G.O; MARCON, S.S. Epidemia da AIDS em tríplice fronteira: subsídios para atuação profissional. Brasília: **Rev. Bras. Enferm.** 68 (3). 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v68n3/0034-7167-reben-68-03-0429.pdf> > Acesso em 10 de outubro de 2018.

Portal BRAZ. **Cresce número de homens infectados pelo HIV em Minas Gerais; Governo faz campanha de conscientização**. Disponível em: <http://bhaz.com.br/2016/12/01/cresce-numero-de-homens-infectados-pelo-hiv-em-minas-gerais-governo-faz-campanha-de-conscientizacao/>> Acesso em 11 de outubro de 2018.

**Artigo recebido em: 18/02/2020.**

**Artigo aceito em: 09/03/2020.**

